

## RESENHA

# VIA(DA)GENS TEOLÓGICAS: ITINERÁRIOS PARA UMA TEOLOGIA QUEER NO BRASIL

Cesar Vinicius Souza Barbato\*

MUSSKOPF, André Sidnei. **Via(da)gens teológicas**: itinerários para uma teologia *queer* no Brasil. São Paulo, SP: Fonte Editorial, 2012. 502 p.

O livro *Via(da)gens teológicas* é resultado da tese de doutorado do autor, que, a partir de sua experiência pessoal, transmite aos leitores e leitoras “itinerários” teológicos em território latino-americano desde a perspectiva de pessoas pertencentes ao grupo LGBT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transsexuais). Por meio desses itinerários, o autor conduz leitores e leitoras por “paisagens insólitas”, frequentemente não visitadas pela Teologia.

Segundo o autor, a Teologia é um espaço ocupado predominantemente pela rigidez do patriarcado e da heteronormatividade; pouca ou nenhuma visibilidade tem sido dada às pessoas do grupo LGBT e à maneira como vivenciam e experimentam a religião. Essa rigidez não é exclusiva das questões relacionadas à homossexualidade, mas também das de gênero, raça/etnia, classe social, entre outros aspectos que dão formas diversas ao discurso teológico.

Um conceito-chave no trabalho de Musskopf é o da *ambiguidade* expressa em uma multiplicidade de discursos e experiências, muitas vezes contraditórias, mas que estão presentes na existência humana. Nesse trabalho é dada especial atenção à ambiguidade nos campos da religiosidade e da sexualidade.

---

\* É estudante de teologia na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista. Tem pesquisado e escrito principalmente sobre religião e homossexualidade, questões de gênero e feminismo.

Assim, no primeiro capítulo, religiosidade e sexualidade são apresentadas como elementos definidores da identidade brasileira, historicamente marcada pela ambiguidade.

Desde o Brasil Colônia, o país já experimentava disparidades econômicas e sociais, gerando um estilo de vida precário entre a maior parte da população e afetando a maneira como a religiosidade e a sexualidade eram experimentadas.

Embora a Igreja Católica tentasse controlar o cotidiano da população, esta, de maneira criativa e ambígua, fazia combinações múltiplas de elementos religiosos oriundos dos povos indígenas, dos escravos africanos e do catolicismo português, dando origem a uma prática simultânea de piedades e trocas simbólicas em termos religiosos.

Na sexualidade, essa “mistura” também pode ser identificada nos primórdios da colonização, sendo que, na ausência de mulheres brancas, os colonizadores relacionavam-se com mulheres indígenas e negras, sendo frequente a mestiçagem.

Já no processo modernizador do Brasil, nos séculos XIX e XX, várias mudanças ocorreram, causando novas transformações no cenário religioso e sexual no país. Na religiosidade, a chegada de novas expressões religiosas põe fim à hegemonia católica, criando um quadro religioso plural. Na sexualidade, experimenta-se a emergência da medicina higiênica, que regula desde a vida íntima, em um nível pessoal e familiar, até questões sociais mais amplas, como a estrutura das cidades, das habitações e a relação entre diferentes grupos sociais.

Sempre olhando para a religião e a sexualidade simultaneamente, embora a secularização da sociedade brasileira faça com que a religião perca total domínio do cotidiano da população e como esta experimenta sua sexualidade, não é possível afirmar que houve uma mudança no âmbito da organização dos significados e práticas sexuais. Por exemplo, nos últimos anos pode-se perceber a forte influência de discursos religiosos conservadores para que leis voltadas aos direitos sexuais e reprodutivos não sejam legisladas.

No segundo capítulo o autor percorre itinerários na teologia, passando por vários estágios, organizados em *homossexual-gay-queer*. A produção teológica sobre a questão da diversidade sexual vem

predominantemente do hemisfério Norte e em língua inglesa, o que gera algumas tensões quando esse discurso é apropriado na América Latina. Por isso, o autor enfatiza a importância do saber teológico a partir das experiências de grupos religiosos/cristãos LGBT no contexto latino-americano.

A nomenclatura “*homossexual-gay-queer*” alude aos diversos períodos de transformações na concepção da identidade de pessoas que se relacionam com o mesmo sexo, como também ao método, aos princípios teóricos e às temáticas na discussão teológica em torno da homossexualidade. Homossexual, originalmente um termo médico, refere-se a um novo sujeito histórico que emergiu no século XIX. No âmbito teológico, a teologia homossexual foi uma aproximação de teólogos e teólogas, por meio de argumentações psicológicas, bíblicas e históricas para que gays e lésbicas fossem incluídos/as nas comunidades religiosas. Assim, afirma o autor, é uma literatura apologética que privilegia os argumentos de diversas áreas do conhecimento para mostrar a “normalidade” da homossexualidade. Principalmente na área bíblica, vê-se a importância da exegese e hermenêutica dos textos bíblicos que supostamente se referem à homossexualidade.

Enquanto o movimento homossexual inicial (também conhecido como movimento homófilo) estava comprometido com a aceitação e inclusão de pessoas homossexuais na sociedade, a geração dos anos 1970 buscava afirmação e reconhecimento como cidadãos e cidadãs, daí o surgimento dos termos “*gay*” e “*lésbica*”. Estes termos tinham um caráter político de autoafirmação de suas identidades. Em um maior diálogo com o movimento social para libertação homossexual, a produção acadêmica sobre a sexualidade e suas diversas expressões cresceu significativamente, em especial nas Ciências Sociais.

Na teologia, impulsionados pela ideia de afirmação e empoderamento de gays e lésbicas, teólogos e teólogas enfatizarão em seu discurso a experiência desses sujeitos, sua situação de opressão e a necessidade de lutar por emancipação. Um tipo de literatura muito comum nesse período é o das narrativas pessoais e biográficas de homens e mulheres vinculados a instituições religiosas cristãs e suas dificuldades em dialogar e criar novas formas de se falar de Deus.

O advento do vírus HIV/AIDS foi um evento central para que novos questionamentos fossem feitos acerca da ambiguidade, fluidez e mistura da sexualidade humana, o que deu origem à teoria *queer*, uma categoria inclusiva de todas as sexualidades não heterossexuais. A teoria *queer* intersecciona vários aspectos da vida social, inclusive setores não pensados como sexualizados, por exemplo, a economia.

É nesse novo cenário, com novos questionamentos e incertezas causados pela disseminação do vírus HIV, que teólogos e teólogas são desafiados/as a pensar sobre a espiritualidade e religiosidade de LGBTs ante a doença, morte e marginalização.

Em território latino-americano, a teologia produzida pode ser vista por meio da experiência das diversas comunidades cristãs inclusivas espalhadas pelo continente. Ao interseccionar a Teologia da Libertação com a teoria *queer*, a produção de Marcella Althaus-Reid faz-se fundamental, pois levanta críticas sobre a produção teológica e sua ligação com a economia, a política e a sexualidade. O pressuposto fundante da teologia indecente é que toda teologia é, consciente ou inconscientemente, uma práxis sexual, organizando sexualmente as relações amorosas das pessoas.

No último capítulo, o autor apresenta conceitualmente os significados da ambiguidade e sua utilização como categoria crítica nos estudos da linguagem, da cultura, da história, da filosofia e da teologia. A partir das reflexões de Simone de Beauvoir, fica explicitado que a ambiguidade faz parte da existência humana e, por isso, qualquer tentativa de normatizar e absolutizar a experiência é problemática. Para Paul Tillich, além de marca fundamental do ser humano, a ambiguidade é também um espaço de produção de sentido e conhecimento na teologia, como em outras áreas. Ivone Gebara, ao trabalhar com mulheres migrantes do Nordeste brasileiro, afirma que a ambiguidade presente na vida dessas mulheres ajuda-as a dar sentido à sua experiência e entender a “grande mistura da vida”.

Depois de ter passado pelas “paisagens históricas” da religiosidade e sexualidade no Brasil no capítulo 1 e, posteriormente, apresentado o desenvolvimento das teologias *homossexual-gay-queer*, o autor explicita que a ambiguidade nesses dois contextos é elemento fundamental

para uma teologia *queer* no Brasil. Partindo do pressuposto de que a teologia *queer* tem, como método epistemológico, histórias sexuais, o autor apresenta as histórias de vida de três pessoas *queer*: Maria Florzinha, Julia Guerra e Lolita Boom Boom. Nas narrativas dessas três pessoas, Musskopf aponta que essas biografias, com elementos comuns a grande parte do povo brasileiro, são marcadas pela ambiguidade por transitarem pelo feminino e o masculino e pela maneira como constroem seus corpos, suas relações e suas sexualidades; todos esses aspectos estão simultaneamente interconectados.

Na construção de uma teologia *queer*, o autor faz uso do lema do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra) “ocupar, resistir, produzir”, e afirma que a privatização da terra e dos corpos faz parte de um mesmo sistema. Assim, no contexto teológico *queer*, *ocupar* refere-se, em especial, à maneira ambígua pela qual essas entrevistadas constroem sua identidade de gênero e sexual de maneira fluida e misturada. Porém, por viverem numa sociedade marcada pelo heterossexismo e pela heteronormatividade, várias são as sanções sociais que fazem com que pessoas LGBT criem maneiras de *resistir* e, ao mesmo tempo, *produzir* um jeito diferente e subversivo de experimentar e vivenciar sua religiosidade, sexualidade, entre outros aspectos da vida.

O autor esclarece o título do livro – *Via(da)gens teológicas* – ao descrever e analisar a obra de Frida Kahlo, *La Venadita*. No quadro, o veado com o rosto de Frida Kahlo é atingido por várias flechas – e sangra. Musskopf afirma que essa obra pode representar os estigmas vividos por LGBTs (chamados de “viados” na cultura brasileira) na sociedade. “Viadagem” é termo frequentemente usado para descrever comportamentos efeminados de homossexuais:

a ideia de que uma teologia *queer* no Brasil se faz como “viadagem” assim como a compreensão de que esta proposta epistemológica se faz como uma “viagem”, na qual os itinerários assumidos são sempre abertos e múltiplos. (p. 442).

*Via(da)gens teológicas* é, sem dúvida, uma obra desafiadora já a partir de seu título, no qual a expressão *viadagem* é acompanhada por sua face *teológica*. No Brasil, pouco se tem sido produzido sobre a

questão da diversidade sexual e sua relação com a teologia e a religião. Mais inusitado ainda é o fato de LGBTs poderem enunciar suas histórias e experiências religiosas na presente obra.

A interdisciplinaridade, a fluidez e a estética na obra de Muszkopf são marcas indeléveis que se fazem presentes pela inserção de letras de música popular brasileira, trechos da literatura brasileira e arte visual, ao mesmo tempo em que trabalha com um referencial teórico teológico novo no Brasil.

O diálogo proposto por ele, entre a produção acadêmica e o engajamento social pelo fim da homofobia, é sempre marcado pela solidariedade para com outros tipos de opressões e fobias presentes na sociedade. Porque

Via(da)gem, como expressão concreta dos corpos e das relações que ocupam, resistem e produzem não só uma outra teologia, mas outras formas de vida em sociedade, [alia] lutas tão diversas quanto a reforma agrária, os direitos sexuais e reprodutivos e o fim do racismo, da xenofobia e da exploração utilitarista e predatória do meio ambiente, seus seres e seus recursos. (p. 463).